

KNUT HAMSUN
OS FRUTOS DA TERRA

romance

Tradução do norueguês

João Reis



cavalo de ferro

A presente tradução obteve o apoio financeiro do NORLA.

Título original: Markens Grøde

© Gyldendal Norsk Forlag AS 1917 [All rights reserved]

© Cavalo de Ferro, 2016, para a presente edição

Revisão: Cláudia Chaves de Almeida

Paginação: Finepaper, Lda.

ISBN: 978-989-623-221-4

1.ª edição, Maio de 2016

Todos os direitos para a publicação em língua portuguesa (Portugal)
reservados por:

© Cavalo de Ferro, marca propriedade de Theoria, Lda.

Rua das Amoreiras, 72 A

1250-024 Lisboa

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida sob qualquer forma ou por qualquer processo sem a prévia autorização e por escrito do editor, com exceção de excertos breves usados para apresentação e crítica.

Quando não encontrar algum livro da Cavalo de Ferro nas livrarias, sugerimos que visite o nosso *site*: www.cavalodeferro.com

PARTE I

I

Aquela vereda comprida, compridíssima que atravessa os pântanos e a floresta: quem a abriu ao percorrê-la? O homem, um ser humano, o primeiro que aqui surgiu. Antes da sua chegada, não havia caminho. Depois, alguns animais seguiram os rastos ténues sobre as charnecas e os pântanos e demarcaram-nos, e, mais tarde, alguns lapões começaram a seguir a trilha e a usá-la quando se deslocavam de uma montanha para outra a fim de darem uma vista de olhos às suas renas. Assim se criou a vereda na terra comum a todos e que ninguém possuía.

Um homem caminha vindo de norte. Transporta um saco — o primeiro saco — que contém um farnel e alguns apetrechos. O homem é forte e rude, e tem uma barba de um vermelho-ferro e pequenas cicatrizes no rosto e nas mãos, testemunhos de velhas feridas — obteve-as a trabalhar ou em brigas? Talvez tenha saído da prisão e queira esconder-se, ou talvez seja um filósofo em busca de paz; de qualquer maneira, aí vem ele, um ser humano no meio desta imensa solidão. Caminha sempre, num silêncio não interrompido por pássaros ou quaisquer outros animais. Por vezes, diz para consigo algumas palavrinhas: «Ah, Deus do Céu!». Quando, após atravessar os pântanos, alcança um sítio agradável, um espaço aberto na floresta, pousa o saco e começa a andar em volta para examinar o terreno. Pouco depois, regressa, atira o saco sobre o ombro e caminha de novo. Isto repete-se durante todo o dia; ele consegue determinar a hora aproximada a partir da observação do Sol e, com o cair da noite, lança-se, com o apoio do braço, sobre as urzes.

Algumas horas decorridas, caminha outra vez, ah, Deus do Céu!, e prossegue directamente para norte, o Sol, o seu relógio; tem como refeição uma fatia de pão ázimo e queijo de cabra, bebe água de um ribeiro e retoma a viagem. Este dia é, também ele, gasto com as suas divagações, porque tem de inspeccionar muitos locais agradáveis na floresta. O que procura? Terra, solo? É porventura um forasteiro de uma aldeia. Mantém os olhos bem abertos e tudo observa com minúcia e, em certas ocasiões, sobe a uma colina para olhar em redor. Agora, o Sol desaparece, uma vez mais.

Ele percorre o flanco ocidental de um vale onde se misturavam a floresta, árvores frondosas e pastagens. Passam-se horas e escurece, mas ele ouve o baixo murmúrio de um rio, e este sussurro anima-o como uma coisa viva. No alto da elevação, vê o vale envolto numa escuridão parcial abaixo de si e, ao longe, a sul, o céu. Deita-se.

De manhã, encontra-se perante uma paisagem constituída por bosques e pastagens. Ele dá início à descida e chega a uma ladeira verde. Mais abaixo, entrevê o rio e uma lebre que o atravessa de um salto. O homem anui, como se fosse natural o rio não ser mais largo do que um pulo. Um lagópode-branco, que protege um ninho, voa, de súbito, aos seus pés, bufando-lhe, furioso, e o homem anui de novo: isto significa que há aves e animais terrestres nas redondezas, o que é, uma vez mais, natural! Caminha por entre arbustos de mirtilos e arandos, por entre estrelícias-de-sete-pontas e fetos baixos; quando pára aqui e acolá e sonda a terra com um ferro, encontra bolor aqui e pântano acolá, fertilizados por milhares de anos de folhas caídas e galhos apodrecidos. O homem anui, a fim de confirmar que se estabelecerá ali — e, de facto, é o que faz, é ali que assenta arraiais. Durante dois dias, continua a deambular pela região, conquanto regresse à ladeira ao fim do dia. À noite, dorme numa cama de ramos; acabou por se sentir ali como em casa, sendo já dono de um leito de ramagens verdes debaixo de um penhasco.

A pior parte fora encontrar o sítio mais propício, aquela terra de ninguém que, contudo, lhe pertence; agora, os seus

dias preenchiam-se com trabalho. Logo tratou de arrancar a cortiça a bétulas dos bosques mais afastados, enquanto as árvores tinham ainda seiva. Premiu e secou a cortiça, e assim que juntou uma quantidade razoável, transportou-a durante todos os quilómetros de regresso à aldeia e vendeu-a para ser usada na construção. Ao regressar ao seu lar na ladeira, levou consigo novos sacos com provisões e utensílios, farinha, carne de porco, uma panela, uma pá, e percorreu o caminho de um lado para o outro, transportando uma e outra coisa. Um carregador nato, uma barca que atravessa a floresta, parecia, na verdade, adorar o chamamento que o obrigava a muito caminhar e a transportar grandes pesos, como se não ter às costas um fardo pesado fosse um modo de vida preguiçoso que não lhe servisse.

Um dia, ao regressar com a sua carga pesada, guiava com trela duas cabras e um bode. Estava feliz com as suas cabras, como se fossem vacas leiteiras, e tratava-as bem. O primeiro desconhecido que por ele passou — um lapão errante — percebeu, ao ver os animais, estar na presença de um homem que ali se estabelecera, e disse:

— Vais viver aqui para sempre? — Sim — respondeu o homem. — Como te chamas? — Isak. Não conheces, por acaso, uma mulher que me possa ajudar? — Não. Mas posso espalhar a palavra por onde viajar. — Fá-lo! Diz que tenho animais e ninguém que cuide deles¹.

Isak, ora bem, o lapão também o mencionaria; o homem não era um fugitivo, pois dissera-lhe o nome. Ele, um fugitivo? Se o fosse, tinha sido encontrado. Era somente um trabalhador incansável. Cortou e colheu forragem de Inverno para as suas cabras e começou a amanhar a terra, a transportar pedras e, com estas, a erguer muros. No Outono, construiu uma habitação: uma cabana de turfa, apertada e quente, que não seria arrasada pela ventania, nem consumida pelas chamas de um incêndio. Podia entrar em casa, fechar a porta e aí se deixar estar, ou ficar parado na laje de entrada no exterior e mostrar-se dono e senhor de todo o edifício, se alguém por ali passasse. A cabana estava dividida em duas partes: numa

1 A formatação dos diálogos ao longo do texto está conforme a edição original. (N. do E.)

ponta vivia ele e na outra, os animais, e, mais no interior, junto à parede rochosa, colocara o seu palheiro. Estava lá tudo.

Passaram por lá mais dois lapões, pai e filho: com ambas as mãos apoiadas nos seus longos cajados, observaram a cabana e a clareira, e escutaram o som dos sinos das cabras na ladeira.

— Bom dia — disseram eles. — Que bela gente veio morar aqui no campo! — Os lapões jamais se coíbem de bajular.

— Não sabem, por acaso, onde posso encontrar uma mulher que me ajude? — É a resposta de Isak. Nada mais lhe ocupa a mente.

— Uma mulher que te ajude? Não. Mas espalharemos a palavra. — Se me fizerem essa gentileza! E digam que tenho uma casa e terra e animais, mas não tenho uma mulher que me ajude.

Ah, tinha procurado essa mulher que o ajudaria todas as vezes que descera à aldeia com a sua cortiça de bétula; todavia, não encontrara nenhuma. Elas tinham-no examinado — uma viúva, um par de velhas solteironas — sem, porém, ousarem prometer-lhe ajuda, qualquer que fosse o motivo: Isak não entendia. Ele não entendia? Quem quereria trabalhar para um homem no meio do nada, a quilômetros e quilômetros de distância das outras pessoas, a um dia de viagem da habitação humana mais próxima! E o homem não apresentava um único traço de sensibilidade ou de beleza, bem pelo contrário, e quando falava não era um tenor de olhos voltados para o céu, sendo a sua voz um pouco rude e rouca.

Assim, teria de se aguentar sozinho.

No Inverno, fez grandes gamelas de madeira e vendeu-as na aldeia, transportando sacos de comida e utensílios no regresso a casa, por entre a neve; foram, para ele, dias difíceis, uma vez que se encontrava preso a um fardo. Como tinha animais e não havia ninguém que deles cuidasse na sua ausência, não os podia deixar a sós por muito tempo, portanto, como conseguiu solucionar isso? A necessidade aguça o engenho — o seu cérebro era forte e nunca fora utilizado e, portanto, treinou-o para raciocinar cada vez com mais frequência. A primeira coisa que fazia antes de sair de casa era soltar as cabras para

que pudessem apanhar ervas no bosque. No entanto, conhecia uma outra solução: pendurava uma banheira, um recipiente grande junto ao rio e deixava-o encher gota a gota. Eram necessárias catorze horas para que enchesse. Cheia até cima, a banheira adquiria o peso certo e tombava; porém, ao tombar, puxava uma linha ligada ao palheiro; abria-se um alçapão que tornava a comida acessível às três cabras: os animais eram alimentados.

E assim conseguia realizar as suas tarefas.

Uma ideia luminosa, quicá uma inspiração divina, e o homem era habilidoso. Tudo correu bem até ao fim do Outono, quando chegou a neve, depois a chuva, seguida de mais neve, desta feita duradoura; a partir de então, o engenho começou a funcionar mal, e o recipiente enchia-se com a precipitação e abria cedo de mais o alçapão. O homem tapou parte da banheira, para que o mecanismo funcionasse de novo, mas só por algum tempo, porque a chegada do Inverno congelou a água que caiu e tudo parou por completo.

Depois, as cabras tiveram, como o homem, de aprender a passar sem algumas coisas.

Tempos difíceis. Conquanto precisasse de alguma ajuda, o homem não se desorientava na sua solidão e sabia bem o que fazer. Continuou a construir a sua casa e abriu na cabana uma janela com duas vidraças. Foi uma data assinalável na sua vida, um belo dia. Sem necessitar de acender a lareira, conseguia ver no interior e trabalhar nas suas gamelas de madeira à luz do dia. As coisas melhoravam, tudo se tornava mais radiante, oh, bom Deus, sim! Jamais lia um livro, mas pensava amiúde em Deus; era inelutável, uma questão de simplicidade e de espanto. O céu estrelado, os sussurros da floresta, a solidão, a neve alta, a magnificência da terra e do que estava acima dela enchiam-no de uma profunda devoção muitas vezes por dia. Ele era um pecador e temente a Deus. Aos domingos, lavava-se em honra do dia sagrado, mas trabalhava como habitualmente.

A Primavera chegou, ele arou a terra e plantou batatas. O seu rebanho havia, por essa altura, aumentado, tendo cada cabra

parido duas crias, e existiam agora, portanto, sete cabras no total. Ele alargou o curral a pensar no futuro e também aí colocou um par de vidraças. Os dias eram maiores, e a luz surgia de todos os modos possíveis.

Um dia, a ajuda chegou. Durante muito tempo, ela caminhou para a frente e para trás na ladeira, até se atrever a avançar, e quando se decidiu a fazê-lo, era já noitinha. No entanto, ela lá apareceu — uma rapariga alta, de olhos castanhos, voluptuosa e grosseira, com um belo par de mãos sólidas. Calçava botas de pele de rena, e embora não fosse lapona, trazia às costas um saco de pele de vitelo. Era possível que já não fosse muito jovem, aproximando-se — para se ser gentil — dos trinta.

Ela cumprimentou-o, mas apressou-se a dizer, como se receasse alguma coisa: — Tinha coisas a fazer no outro lado da montanha, por isso segui este carreiro. — Pois — disse o homem. Ele mal a conseguira perceber, porque ela falara de um modo pouco claro e, ademais, virara-lhe a cara. — Sim — disse ela. — E fica muito longe. — Sim — respondeu ele. — Vais atravessar a montanha? — Sim. — O que lá vais fazer? — Tenho lá a minha família. — Ah, tens lá a tua família... Como te chamas? — Inger. E tu? — Isak. — Pois, Isak. És tu quem aqui mora? — Sim, moro aqui, como podes ver. — Não é nada mau! — disse ela, como elogio.

Ele melhorara a sua capacidade de raciocínio e ocorreu-lhe que ela se deslocara deliberadamente até ao local e que partira de casa anteontem só para ali chegar. Talvez tivesse ouvido dizer que ele precisava de uma ajudante.

— Entra e descansa os pés — convidou ele.

Entraram na cabana, comeram da comida dela e beberam leite das cabras dele. Em seguida, fizeram café, que ela levara numa bolsa. Perderam o seu tempo, com satisfação, tomando um café antes de irem para a cama. À noite, ele deitou-se com desejos por ela e tomou-a para si.

De manhã, ela não se foi embora, nem abalou durante o resto do dia, fazendo-se, por outro lado, útil: ordenhou as cabras e areou as panelas e limpou os utensílios. Nunca partiu. Ela chamava-se Inger, ele, Isak.